

É possível o fazer livre e criativo em todas as áreas de desempenho da Terapia Ocupacional?

Michele Abreu

Grupogesto.com.br

29/05/2017

Qualquer pessoa que tenha lido algum texto do professor Rui Chamone se deparou, em algum momento, com o termo “*livres e criativas*”, quando se refere ao uso de atividades, trabalho ou ocupações.

Mas o que significa *ser livre e criativo*?

Historicamente, o uso de atividades em contextos de tratamentos foi usado muito para benefício institucional, em detrimento dos benefícios para o paciente. Terapeutas ocupacionais tratam por meio de atividades, contando que essas atividades sejam voluntárias, seja na área de disfunção física ou psicológica (LOW, 2005). Nesse sentido, fundamenta-se um agir no mundo externo por vontade e com liberdade. No primeiro momento, atende-se apenas a instituição, e no segundo busca-se atender o paciente.

No documento “Estrutura da prática da Terapia Ocupacional” (AOTA, 2015), o termo “ocupação” denota envolvimento na vida, construído por múltiplas atividades e, nas definições apresentadas de ocupações, destacam-se os termos atividades com propósito e significado. Observa-se também que a expressão “Envolvimento em ocupação” é o desempenho das ocupações como o resultado da escolha, motivação e sentido dentro de um contexto de apoio e ambiente. Esse envolvimento inclui aspectos objetivos e subjetivos de experiências dos clientes e envolve a interação transacional da mente, do corpo e do espírito.

De acordo com Jorge (1997) as ocupações são uma proposta técnica do Terapeuta ocupacional que são realizadas pelo paciente com liberdade e futuro sobre materiais plásticos, com ferramentas e fantasias onde ele adquire conhecimentos de si, do mundo e de suas relações, na cultura, na história e na política.

Logo, como resultado da escolha do nosso cliente pensamos o termo livre; como motivação e sentido pensamos no aspecto criativo da intervenção por meio da atividade. O termo comumente é mal interpretado: Livre não é desordem e criativo não é superficial ou banal.

Pensar o termo livre e criativo no uso das atividades plásticas, com o uso de tintas, papéis argilas, dentre outros materiais, parece obvio, uma vez que parte-se do pressuposto que toda arte é criativa. Mas, e quando pensamos em outros aspectos da nossa intervenção, como o brincar, o lazer, o trabalho, o sono e descanso, o estudo, as atividades básicas e instrumentais de vida diária? E quando a atividade é o próprio movimento do corpo durante a intervenção para melhorar componentes físicos... É possível pensar uma prática livre e criativa?

É inerente à prática do Terapeuta ocupacional que assim o seja, livre e criativo. Que o nosso cliente seja livre para escolher e criativo no modo de executar, caso contrario será mero objeto sem significado na mão do terapeuta. Não temos o poder de mudar o outro, ele muda por si

mesmo, quando “as atividades estimulam sua ação no mundo externo transformando-o e a si mesmo, buscando a construção dele para si, antes que para os outros” (JORGE, 1990). A intervenção livre e criativa o leva a despertar e suscitar sentimentos, paixões, reflexões sobre si, suas perdas, suas “novas” habilidades e sua nova forma de ser no mundo. Quando ele dá significado ao fazer a reabilitação acontece. Ainda, segundo esse autor, a atividade criativa, atua entre a razão e a sensibilidade, forma os sentimentos e experiências de vida, sendo mais do que um meio, mas fim em si mesma.

Cada pessoa, como um ser ocupacional, exerce suas ocupações de maneira livre e criativa, pois escolhe o que fazer, como fazer e quando fazer. Que ao propormos o tratamento ao outro, por meio das atividades, estejamos atentos a esse tão primordial aspecto da nossa intervenção: o uso das atividades livres e criativas.

Referências:

American OccupationalTherapyAssociation, Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo – 3ª ed. Traduzida AOTA, 2015.

Chamone, R.O objeto e a especificidade da terapia ocupacional, 1990.

Low,J.F. Fundamentos Históricos e sociais para a prática in Trombly, C.A. e Radomski, M.V. Terapia Ocupacional para as disfunções físicas, 2005.